

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
LICENCIATURA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

CÁSSIA SUZANA ALVES NUNES

**O ENSINO REMOTO DURANTE A PANDEMIA: O CASO DE PROFESSORES DE
PORTUGUÊS DO RIO GRANDE DO SUL**

QUARAÍ

2021

CÁSSIA SUZANA ALVES NUNES

**O ENSINO REMOTO DURANTE A PANDEMIA: O CASO DE PROFESSORES DE
PORTUGUÊS DO RIO GRANDE DO SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras Português
UAB da Universidade Federal do Pampa,
como requisito parcial para obtenção do
Título de Licenciado em Letras Português.

Orientador: Alan Ricardo Costa.

**Quaraí
2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

N972e Nunes, Cássia Suzana Alves

O ensino remoto durante a pandemia: o caso de professores
de português do Rio Grande do Sul / Cássia Suzana Alves Nunes.
30 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS, 2021.

"Orientação: Alan Ricardo Costa".

1. Ensino Remoto Emergencial. 2. Professores. 3. Pandemia.
I. Título.

CÁSSIA SUZANA ALVES NUNES

**O ENSINO REMOTO DURANTE A PANDEMIA: O CASO DE PROFESSORES DE
PORTUGUÊS DO RIO GRANDE DO SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso do
Curso de Letras Português/UAB da
Universidade Federal do Pampa,
como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciado
em Letras.

Trabalho defendido e aprovado em: 03 de dezembro de 2021

Banca examinadora:

Prof. Dr. Alan Ricardo Costa
Orientador
(Unipampa)

Prof^a Ma. Louise da Silveira
(UFSM)

Prof. Me. André Firpo Beviláqua



Assinado eletronicamente por **André Firpo Beviláqua, Usuário Externo**, em 09/12/2021, às 09:35, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ALAN RICARDO COSTA, Usuário Externo**, em 12/12/2021, às 15:24, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Loiuse da Silveira, Usuário Externo**, em 27/12/2021, às 14:12, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0688340** e o código CRC **E147B966**.

Dedico este trabalho a minha família que foi, é e sempre será a base forte para me sustentar.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, nosso Pai Celestial, que nos criou e proporcionou vir a esta vida mortal para progredir, aperfeiçoar e servir nesta vida terrenal.

Agradeço ao meu marido, Rafael Nunes, e filhos, Rafaela, Mateus e o sapeca Lorenzo, que são minha maior riqueza. Sempre pude contar com o amor e o incentivo deles nos momentos em que quis retroceder. Meu marido foi insistente comigo para avançar rumo ao fim do curso de graduação em Letras.

Sou grata aos meus irmãos e cunhados, aos meus sobrinhos e, em especial, a minha mãe e minha sogra, que são minhas amadas guerreiras.

Aos meus colegas que, de um jeito ou de outro, contribuíram para o sucesso nesta jornada. Em especial, às minhas amigas e colegas: Mitiéle, Bruna, Maksuelen e Caren.

Ao meu simpático, dedicado, paciente, incansável e inteligente orientador Prof. Alan Ricardo Costa, pois sem ele este trabalho não seria possível.

Grata à Universidade Federal do Pampa (Unipampa) por me possibilitar realizar um sonho antigo de me formar em Letras Português; devido às minhas condições financeiras na época que terminei o Ensino Médio, não tive a oportunidade de dar continuidade aos meus estudos.

Não esquecendo de agradecer a todos os professores de Português que responderam ao questionário de pesquisa para o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

“Nossas oportunidades mais significativas são encontradas em tempos de maior dificuldade.”

Thomas S. Monson

LISTA DE SIGLAS

EAD – Educação a Distância.

ERE – Ensino Remoto Emergencial.

RS – Rio Grande do Sul.

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso.

TDIC – Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação.

UAB – Universidade Aberta do Brasil.

RESUMO

Este trabalho surgiu a partir de inquietações da pesquisadora sobre a atual situação pandêmica que vivemos no mundo e, conseqüentemente, na educação brasileira. As discussões atuais sobre educação põem em pauta o Ensino Remoto Emergencial (ERE) durante a pandemia e a necessidade de um olhar mais profundo para o caso dos professores de Português. A metodologia de pesquisa é de natureza qualitativa, com base na aplicação de questionário online. Os participantes da pesquisa são 12 professores da disciplina de Língua Portuguesa do Rio Grande do Sul (formados ou em formação) que atuaram no Ensino Básico e/ou outros contextos de ensino (como projetos de extensão escolar ou cursos pré-vestibular) durante a pandemia de COVID-19. O suporte teórico do trabalho é composto por estudos recentes da área da Educação e da Linguística Aplicada (LA) sobre tecnologias no ensino de línguas. Com os resultados obtidos nesta pesquisa, constata-se que a pandemia causou danos educacionais e emocionais nos sujeitos envolvidos, principalmente professores e estudantes. Conclui-se também que precisamos ter maior valorização profissional e investimentos em educação, tanto na parte estrutural da escola e dos espaços de ensino quanto na capacitação docente.

Palavras-chave: Ensino Remoto Emergencial. Professores de Português. Pandemia.

RESUMEN

Este trabajo surgió de las preocupaciones de la investigadora sobre la situación pandémica actual en el mundo y, en consecuencia, en la educación brasileña. Los debates actuales sobre educación traen a la agenda la Enseñanza Remota de Emergencia (ERE) durante la pandemia y la necesidad de una mirada más profunda al caso de los docentes de Portugués. La metodología de investigación es de naturaleza cualitativa, basada en la aplicación de un cuestionario en línea. Los participantes de la investigación son 12 profesores de Lengua Portuguesa de Rio Grande do Sul (graduados o en formación) que trabajaron en Educación Básica y/o contextos de educación (como proyectos de extensión escolar o cursos de ingreso preuniversitario) durante la pandemia de COVID-19. El soporte teórico del trabajo consiste en estudios recientes en el área de Educación y de Lingüística Aplicada (LA) sobre tecnologías en la enseñanza de idiomas. Con los resultados obtenidos en esta investigación, es posible ver que la pandemia provocó daños educativos y emocionales a los sujetos involucrados, principalmente docentes y estudiantes. También se concluye que necesitamos tener un mayor desarrollo profesional e inversiones en educación, tanto en la parte estructural de la escuela y los espacios docentes como en la formación del profesorado.

Palabras clave: Aprendizaje Remoto de Emergencia. Profesores de Portugués. Pandemia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1. OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA	12
1.2. ESTRUTURA DO TRABALHO	12
2. CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1. CENÁRIO ATUAL	13
2.2. O PROFESSOR	15
2.3. AS AULAS	16
3. METODOLOGIA	19
3.1. PARTICIPANTES DA PESQUISA	18
3.2. INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	20
4. APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19 chegou sem aviso prévio e modificou a vida social (e, por conseguinte, profissional e educacional) no mundo. Não foi diferente para nós aqui no Brasil; fomos afetados de forma econômica, estrutural, social, cultural e emocional. Para nossa¹ surpresa, nossa vida profissional teve que ser modificada e adaptada em razão de algumas novas normas de saúde (para nossa proteção).

Uma norma muito utilizada - além do uso de máscaras - foi o distanciamento social, que veio a influenciar diretamente a educação no Brasil, sendo modificada principalmente a Educação Básica, que migrou do ensino presencial para aulas em formato ERE, isto é, Ensino Remoto Emergencial (geralmente, aulas *online*), visando proteger as crianças e os adolescentes.

Nosso cenário na Educação Básica hoje é nada parecido com o que estávamos acostumados. Ainda estamos confusos enquanto professores, buscando uma melhor maneira de qualificar o ERE para que seja eficaz e satisfatório o ensino, tanto para o professor quanto para os pais e os alunos. Uma problemática nesse sentido é o uso das ferramentas digitais utilizadas no ERE, porque nem todos têm acesso a elas (RIBEIRO, 2020). Outra questão debatida no momento é se essas aulas online têm de fato contribuído para um desenvolvimento educacional efetivo do aluno, e se eles aproveitam o que está sendo ensinado e debatido nas aulas.

O professor com menos experiência no uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) também tem muita dificuldade para adaptar suas aulas a esse sistema totalmente online e/ou off-line. O professor de línguas, principalmente, teve que desenvolver habilidades e letramentos digitais de forma urgente. O magistério teve que absorver como uma esponja os males de uma educação presencial muito deficiente e cheia de precariedades (RIBEIRO, 2020), a qual se tornou ainda mais complicada via internet, sem a presença física e as horas de aula necessárias para um progresso ao menos satisfatório durante o ano letivo. Como se não bastasse tudo isso, os professores de língua portuguesa deram um salto

¹ Ao longo deste trabalho, adoto o uso da primeira pessoa para a escrita acadêmica, embora este ainda não seja um movimento retórico comum ou bem-visto em todos os espaços universitários. Com o respaldo de meu prof. orientador, que estuda e defende a escrita assumidamente autonarrativa de docentes (COSTA, 2021; COSTA; PICCININ, 2020), me assumo como professora de Português que faz uso de sua voz e de suas palavras para apresentar (e assumir) minhas opiniões e posicionamentos. Por vezes, uso a primeira pessoa do singular (“eu”) para falar de mim e a primeira pessoa do plural (“nós”) quando me refiro aos docentes de Português, aos quais me incluo.

forçoso, que foi dado às pressas rumo ao ciberespaço e às TDICs, pois muitos mal sabiam mexer no celular ou usar recursos digitais mais atuais. Alguns professores ainda são do tempo do mimeógrafo. As novas TDICs são ainda um tanto misteriosas para alguns anciões da “Era do Quadro e Giz”.

Um novo tempo se apressou e pegou a todos de surpresa, um tempo nunca visto, a não ser em telas de cinema com os filmes de ficção científica. Entender o momento que estamos passando demanda analisar com calma as dificuldades e vantagens desse período e, com isso, buscar soluções para esses novos problemas que surgiram por causa da pandemia de COVID-19.

Os alunos, em muitas ocasiões, tendem a dominar as tecnologias mais que seus professores. Sendo um fato relevante o de que nem todos os alunos têm acesso a internet, podemos ver aí mais uma questão que dificulta o ensino durante a pandemia. A maioria dos alunos têm um celular (ALDA; LEFFA, 2014), mas não um computador. Outros, apesar de terem celular, não têm internet, e uma porcentagem de alunos não têm nenhuma tecnologia de acesso à web.

Em suma: a educação no Brasil já era muito frágil e precária, e isso se tornou mais evidente com a pandemia do novo Coronavírus, que deixou exposta a urgência de capacitação docente para o uso de TDICs na educação e a desigualdade de acesso aos recursos digitais. Nesse cenário, são de suma importância a empatia e colaboração (FIALHO; COSTA, *no prelo*), principalmente na atual situação em que nos encontramos no meio escolar e social. É necessário compreender o lado do outro para poder ajudá-lo. Assim, por meio da presente pesquisa, busco tentar contribuir dando voz e mais visibilidade aos professores de português. Parto do pressuposto de que precisamos compreender mais profundamente a perspectiva desses educadores, sobretudo no que diz respeito a conhecer suas narrativas para pensar a educação pós-pandemia.

Paulo Freire, legítimo Patrono da Educação Brasileiro, ao longo de sua vida, não negligenciou as tecnologias no ensino e na aprendizagem (COSTA *et al.*, 2020). E, enquanto pedagogo e filósofo da Educação, Freire também defendia a ideia de que não nos formamos professor em um determinado dia ou momento, mas sim no processo, de forma contínua. Podemos pensar, nesse sentido, que as tecnologias acompanham esse processo contínuo de formar-se professor. Assim sendo, enquanto professora, espero sinceramente que, depois dessa pandemia, a educação seja mais valorizada, mais tecnológica, e mais fortalecida. Para que isso se efetive, precisamos

ver e ouvir o que comentam os professores, e pensar o futuro a partir dessa perspectiva que, muitas vezes, é invisibilizada.

1.1.OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA

Este trabalho tem como principal objetivo refletir sobre o ERE durante a pandemia de COVID-19 e a situação de professores de Português da Educação Básica no âmbito do Rio Grande do Sul (RS).

Os objetivos específicos do estudo são:

- (1) Ponderar a situação de uma amostra representativa de professores de Língua Portuguesa durante o ERE;
- (2) Considerar a sobrecarga de trabalho imposta durante o ERE; e
- (3) Expor a realidade do ensino durante o ERE através das percepções de um grupo de professores de Português.

Defendo que a referente pesquisa é relevante para a comunidade acadêmica e escolar, a qual está fragilizada e ainda mais desfalcada pela atual situação da pandemia por Coronavírus, que modificou os métodos e as abordagens de ensino de línguas, transformando as vidas dos alunos, professores e pais. Através da pesquisa qualitativa aqui apresentada, procuro analisar com cuidado a educação no atual cenário nacional da perspectiva docente.

1.2. ESTRUTURA DO TRABALHO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) encontra-se estruturado da seguinte maneira: na revisão de literatura, abordo três aspectos importantes, para entendermos esta pesquisa, que são: o cenário atual, o professor e as aulas. Na seção “Cenário Atual”, vamos refletir sobre as condições impostas pela pandemia; na seção “O Professor”, apresento alguns dados sobre a situação emocional dos professores que ficaram sobrecarregados durante o ERE; na seção “As aulas”, procuramos diferenciar os conceitos de ERE e EAD. Na seção “Metodologia”, descrevemos como se dará a pesquisa deste trabalho; e, por fim, na seção “Resultados e Discussões”, apresentaremos o resultado desta pesquisa com os professores de português do RS, a qual levou em consideração as respostas por eles dadas via formulários online, que lhes foi enviados por e-mail.

2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA

A pandemia causou um efeito que atingiu todos os aspectos de nossas vidas, causando um mal-estar em âmbito geral e, conseqüentemente, afetando não só a saúde física, mas também mental, distorcendo nosso cotidiano. Maia e Dias (2020) confirmam que qualquer pandemia causa abalos, tanto social quanto econômico e político.

Nesse sentido, este trabalho busca respaldo teórico para pensar a educação na pandemia e o ERE na literatura da área de Linguística Aplicada (LA). Assim, com base nesse respaldo teórico, abordo três aspectos importantes para entendermos este momento difícil que vivemos, que são: (1) o cenário atual, (2) o professor de línguas e (3) as aulas.

2.1. CENÁRIO ATUAL

Nos versos da canção *O dia em que a Terra parou*, o cantor Raul Seixas, em 1977, parecia premeditar nosso momento atual, mas não imaginava que seríamos forçados a parar e que a causa seria um vírus, o até então desconhecido COVID-19. Em seus versos, a canção diz:

*Essa noite, eu tive um sonho de sonhador
 Maluco que sou, eu sonhei
 Com o dia em que a Terra parou
 Com o dia em que a Terra parou
 Foi assim
 No dia em que todas as pessoas
 Do planeta inteiro
 Resolveram que ninguém ia sair de casa
 Como que se fosse combinado em todo
 O planeta
 Naquele dia, ninguém saiu de casa, ninguém...*

Aqui no Brasil, recordamos da pandemia de Gripe Suína (H1N1), há mais de dez anos e sem essa proporção que agora presenciamos mediante a COVID-19.

Portanto, não tínhamos conhecimento ou experiência para o que estava acontecendo. A pandemia parou todo mundo, e todos ficaram em casa, na medida do possível. Tudo começou em dezembro de 2019, na cidade chinesa de Wuhan, e de lá se espalhou pelo mundo.

O Coronavírus tem feito milhares de vítimas e, até janeiro de 2020, não havia casos suspeitos no Brasil, e tudo parecia tão distante daqui. Mas, em seguida, “toda Terra parou” no nosso país, e não apenas por um dia, infelizmente, e não por combinado, mas sim por necessidade, autopreservação, por prevenção, por medo, por imposição. A pandemia estava à nossa porta.

A pandemia, que parecia algo distante, noticiada pelos canais de comunicação, chega ao país e muda toda uma realidade: o distanciamento social é imposto, as máscaras passam a fazer parte da vestimenta das pessoas, o medo passou a tomar conta e as desigualdades sociais ficaram mais evidenciadas (BOLETIM DE CONJUNTURA, 2020, p. 82).

O distanciamento social tornou-se um dos métodos mais eficaz para manter o Coronavírus longe, isso acarretou várias mudanças na vida cotidiana de cada um de nós. A COVID-19 foi afetando, de alguma maneira, todas as esferas da sociedade. Para nossa proteção, algumas normas foram impostas, como o uso de máscaras quando estamos em público, lavar continuamente as mãos com água e sabão ou higienizá-las com álcool, manter a distância de outras pessoas em ambientes públicos, e não fazer aglomerações.

Para proteção e prevenção contra essa doença, as aulas das escolas tiveram que ser adaptadas para o ERE. Porém, para que isso acontecesse de forma ideal, o aluno deveria ter recurso e infraestrutura tecnológica, pelo menos um celular com internet.

A nossa atual realidade político-social não favorece a todos os lares para que possuam uma boa estrutura tecnológica e bom sinal de internet. Muitos lares brasileiros nem computador têm. Isso tudo acontecendo num piscar de olhos e sem políticas públicas para ajudar, principalmente os mais necessitados, as classes populares. Para Rocha e Oliveira (2020), a pandemia atingiu todas as esferas de nossas vidas e provocou diversas mudanças no comportamento, fazendo-nos refletir sobre nossa forma de levar a vida tanto fora quanto dentro de casa. Todos os lares e estabelecimentos de comércio e saúde se readaptaram para poderem seguir com suas atividades e na educação não foi diferente (ROCHA; OLIVEIRA, 2020).

2.2. O PROFESSOR

Um desafio maior recai sobre o professor que, acostumado com sua rotina, tem que reinventar-se como educador e buscar conhecimentos novos para pôr em prática as novas formas de ensinar. Agora o professor de língua portuguesa se vê obrigado a adaptar-se ao ERE. Segundo o Boletim de Conjuntura, o professor é desvalorizado em todos os aspectos, sendo citado tanto o lado econômico quanto o lado do social, e agora é colocado em prova com o ERE, pois já sofria com a falta de estrutura e materiais, sendo então obrigado a se adaptar para caber nessa nova situação mediante a pandemia (BOCA, 2020).

Segundo pesquisa feita pelo Instituto Península, os professores da rede privada parecem estar mais preparados com as TDICs se comparados aos docentes das redes Estaduais e Municipais, principalmente em função do apoio institucional e de infraestrutura (PENÍNSULA, 2020). Também parecem estar conseguindo oferecer mais suporte a distância para seus alunos. Os meios de informações mais utilizados são os portais de notícias, a televisão, mídias sociais, aplicativos de mensagens e, por último, e-mail.

A realidade da educação atualmente merece cuidados: enquanto os professores da escola pública estão despreparados, buscando informações em vários meios para poderem se atualizar, fica evidente a falta de uma capacitação contínua acompanhando o avanço tecnológico. Alguns docentes “pararam no tempo”, por assim dizer, ficaram estagnados, sem desenvolverem suas potencialidades por falta de tempo ou por falta de oportunidade. Digo oportunidades oferecidas em cursos gratuitos por parte do governo para atualização de seus professores.

Muitos profissionais da educação precisaram, em pouquíssimo tempo, familiarizar-se com ferramentas e tecnologias com as quais não tinham tido contato antes. Diante disso, surge o alerta para a necessidade de incluir este tema na formação inicial e continuada dos professores como caminho para garantir o aprendizado sobre práticas pedagógicas inovadoras mediadas por tecnologia e, conseqüentemente, efetivação e desenvolvimento de Escolas Conectadas (CIEB, 2020).

A situação do professor quanto aos seus sentimentos e saúde mental durante a pandemia foi pesquisada em 2020 pelo doutor Edson Grandisoli, supervisionada pelo professor e doutor Pedro Roberto Jacobi, e recebendo ainda a colaboração do doutor Silvio Marchini, todos da USP. Para desenvolverem os percentuais da referida pesquisa, foram feitas vinte e seis questões. Em parceria com a Reconnectta, tais

autores desenvolveram e aplicaram essa pesquisa com o tema Educação, docência e a COVID-19, a partir de questões que estiveram disponíveis para os educadores de São Paulo, entre o período do fim do mês de maio e começo de junho de 2020. Ao todo, foram mais de dezenove mil participantes que responderam as questões (GRANDISOLI; JACOBI; MARCHINI, 2020).

Os dados da supracitada pesquisa (GRANDISOLI; JACOBI; MARCHINI, 2020) mostraram que os professores somando 48,1% sentiam medo, tristeza, insegurança, ansiedade, angústia e dúvidas durante esse período de pandemia, enquanto 53% se descreveram como muito ou totalmente vulneráveis a contrair o Coronavírus (GRANDISOLI; JACOBI; MARCHINI, 2020). Os educadores na percentagem de 63% responderam que mantinham a boa saúde mental e 72% disseram que não precisavam de apoio especial, mas 17% admitiram precisar de apoio e, também, admitiram que não buscaram tal apoio.

Verificou-se, através dessas questões, que alguns professores se sentem vulneráveis e com fardos pesados, nutrindo sentimentos como como medo, angústia e tristeza, tendo em vista que estão expostos e desprotegidos perante a crise sanitária do Coronavírus (GRANDISOLI; JACOBI; MARCHINI, 2020). A pandemia causou múltiplas incertezas na vida desses educadores e abriu uma caixa de sentimentos demasiadamente perturbadores. É possível verificar que 50,8% se sentem inseguros com a educação mediada pela tecnologia que a pandemia trouxe (GRANDISOLI; JACOBI; MARCHINI, 2020).

Por outro lado, 62% dos sentimentos declarados por essa transição são considerados positivos e 70% se sentem aptos a trabalhar e desenvolver as aulas mediante a tecnologia, segundo Grandisoli, Jacobi e Marchini (2020). Para tais autores, os professores em 80% dos casos avaliam que sua atuação será melhorada após a pandemia e 68% dizem que a educação será melhorada também pós-pandemia.

2.3. AS AULAS

É importante saber diferenciar o ERE da EAD, já que, bem sabemos, os professores da EAD são capacitados e preparados para tal tarefa, assim como os estudantes são cientes desse modo de ensino. Na EAD, podemos ter momentos presenciais de educação. Além disso, a EAD conta com professores-tutores e

formadores, Ambiente Virtual de Ensino Aprendizagem (AVEA) e uma série de documentos que orientam a modalidade. O ERE não conta com nada disso.

Temos que ter em conta que o ambiente é totalmente diferenciado por essas questões e ainda lembrar que o ERE veio como um plano de emergência apenas para uso durante a pandemia. A professora Behar, da UFRGS, em seu artigo “O Ensino Remoto e a Educação a Distância” (BEHAR, 2020), argumenta que essas duas formas de educação não podem ser consideradas como sinônimos. O ERE é emergencial, porque os planos para o ano letivo de 2020 tiveram de ser abandonados, e foi necessário o desenvolvimento de planos de atividades pedagógicas mediadas pela internet, tudo para minimizar os impactos na aprendizagem. Conforme aponta a pesquisadora, é evidente que os currículos tiveram de ser adaptados, pois a maior parte das instituições educacionais não cria os mesmos para serem aplicados remotamente (BEHAR, 2020).

Santos (2020), por sua vez, afirma que o ensino remoto não é EAD, e muito menos Educação On-line. A tecnologia avançou, a rede tem melhores conexões, mas a postura comunicacional é restrita aos dias e hora marcados, e isso causa muito desgaste aos professores e alunos, que precisam dar conta de várias disciplinas. Nesse sentido, a EAD, modalidade já consagrada na educação brasileira, é muito diferente do ensino remoto, que deixa suas marcas no ensino atual (SANTOS, 2020).

Investir na educação online é investir no professor através de cursos e recursos, valorizando a comunidade escolar priorizando o professor como peça fundamental para o sucesso do ensino atualmente. Para Pimentel e Carvalho (2020), as questões de dúvidas acompanhadas surpreendentemente eram: que práticas pedagógicas usar? Que tecnologias utilizar? Que conteúdos trabalhar? Como conversar com os estudantes? Como avaliar? Essas, dentre outras perguntas, pairavam no ar sem respostas (PIMENTEL; CARVALHO, 2020).

O despreparo tecnológico da docência em termos de educação digital é evidenciado no cenário atual, onde é requerido muito mais que ir à escola e aplicar provas. Perdidos e sem apoio, os professores de língua portuguesa tornam-se presa fácil de um sistema educacional sucateado, frágil e de poucos investimentos em recursos digitais. As novas tecnologias, em muitos casos só usadas para mídias sociais, agora se tornam parte do seu trabalho e de sua vida. Silva (2002) conceitua a tecnologia, de forma geral, como um sistema que satisfaz as necessidades e desejos dos membros da sociedade. Se essa tecnologia não é empregada de forma adequada

para educação, os docentes, membros dessa sociedade, acabam ficando defasados em termos de atuação profissional adequada.

Para o professor José Silva (2002), o conceito de tecnologia está atrelado à satisfação das necessidades da sociedade, isso quer dizer que seu uso atualmente visa ajudar a educação a ser propagada pelos computadores e celulares para benefício dos alunos da educação remota.

Na pesquisa feita pelo Instituto de Estudos Avançados da USP, para avaliar a nova educação mediada pela tecnologia, 85% dos sujeitos responderam que os alunos aprendem um pouco ou menos que isso.

No fim do mês de maio e início de abril, a Fundação Carlos Chagas fez uma coleta de dados referentes à pandemia, na qual quase metade dos professores entrevistados (isto é, 49,3% dos sujeitos de pesquisa) afirmam que somente uma parte dos alunos conseguem realizar as tarefas propostas (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, 2020).

3. METODOLOGIA

Como indica Gil (2008), os métodos de pesquisa são recursos utilizados pelo pesquisador para conduzir sua pesquisa de forma estruturada. Este trabalho contou com dois métodos típicos de pesquisa em estudos da área de Linguística Aplicada: a revisão narrativa de literatura e aplicação de questionários.

O primeiro procedimento metodológico foi a pesquisa bibliográfica, realizada através de artigos, sites, revistas, reportagens etc. Esse método facilita para que o tema seja pesquisado através das tecnologias disponíveis (computador, celular) devido à pandemia. Fonseca (2002) aponta que a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de websites.

Essa pesquisa bibliográfica – efetuada para obtenção de mais informações e dados sobre o tema – mostrou-se necessária em função do ineditismo do cenário educacional, em função da pandemia por COVID-19, e da importância de descrever os problemas na educação enfrentados durante o ERE. Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica contou tanto com o levantamento de estudos que tratam de educação em geral (e.g. PIMENTEL; CARVALHO, 2020; SANTOS, 2020) quanto estudos que tratam de ensino de línguas mais especificamente (e.g. RIBEIRO, 2020; COSTA, 2021).

O segundo procedimento metodológico adotado foi a aplicação de questionários online com professores de português que atuam e/ou atuaram no ERE no RS.

Para Fonseca (2002), a pesquisa é um processo permanentemente inacabado, ou seja, sempre há o que poderemos acrescentar. Podemos fazer desse estudo um relato diário, mensal ou anual e mesmo assim haverá o que dizer, escrever ou opinar. Esta informação está sendo registrada aqui para que, desde já, conste que o foco da pesquisa não é esgotar o tema. Assumo, desde já, que esta metodologia busca contribuir com o assunto, mas que futuras pesquisas seguirão sendo desenvolvidas para acompanhar esse fenômeno complexo que é a implementação do ERE e a transformação do ensino de línguas em função da atual pandemia de COVID-19.

3.1. PARTICIPANTES DA PESQUISA

São participantes da pesquisa um total de 12 professores, que aceitaram

participar voluntariamente do estudo. Este grupo, apesar de relativamente pequeno, é considerado suficientemente representativo dos professores do RS.

Para a escolha desses sujeitos, além da atuação com ensino de português durante a pandemia no RS, também se optou por um recorte no que tange ao campo de atuação: o questionário não considerou professores de outras áreas (como Matemática, Geografia etc.), tampouco professores universitários, haja vista a significativa diferença de condições de trabalho entre esses grupos. Partiu-se do pressuposto de que o professor universitário goza de melhores condições estruturais e educacionais para a implementação do ERE. O escopo da pesquisa recai, portanto, sobre a situação de professores em condições mais fragilizadas de atuação docente.

O anonimato dos sujeitos de pesquisa foi garantido por questões éticas. Vale destacar que, entre os sujeitos participantes da pesquisa, havia professores já formados e professores pré-serviço (ainda em formação).

3.2. INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O questionário online é o instrumento de coleta de dados da pesquisa. Tal questionário foi elaborado via ferramenta Google Forms², software gratuito do Google, e enviado aos sujeitos de pesquisa via e-mail.

As perguntas do questionário (aplicado ao longo do mês de setembro) são referentes ao ERE durante os anos de 2020 e 2021.

² Disponível em:

<https://docs.google.com/forms/d/1VtDptc8hr6r_vx7nfN0LbjtezVYyQ_Dha78sw6io9MU/edit?usp=forms_home&ths=true>.

4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados da pesquisa são apresentados a seguir a partir de cada uma das questões a compor o questionário online aplicado com professores de português do RS. Os docentes do estado desde 2014 não têm reajuste salarial, a atual situação de desvalorização dessa classe culmina com o pouco caso que os governantes lhes dão, é uma falta de respeito e digo até crueldade, pois todos nós não estaríamos aqui escrevendo, lendo, estudando se não fosse pelo professor. Desses sete anos sem reajustes, os professores ainda enfrentaram várias dificuldades econômicas e financeiras em função do parcelamento e dos atrasos salariais. A situação referente ao piso salarial é de luta constante na vida desses professores. Esse drama profissional vivido por esses educadores do RS fez com que vários deles pedissem sua exoneração, por diversos motivos, dentre eles os motivos psicológicos: para o bem de sua saúde mental, muitos educadores optaram por deixar sua carreira docente. Imaginem quão infelizes e frustrados estavam esses professores para optarem por desistir do trabalho no sistema educacional.

A primeira pergunta do questionário foi: “Quais estratégias você utilizou para a aprendizagem dos seus alunos durante o ERE?”. As respostas que foram dadas pelos sujeitos de pesquisa indicam diversidade de condições infraestruturais e tecnológicas de cada um. Por exemplo, muitos conseguiram usar o celular que, de acordo com Alda e Leffa (2014), pode ser ilimitado, servindo para infinitas possibilidades de uso, sendo utilizados também como uma ferramenta de ensino. Em outros casos, uma das estratégias adotadas foi a impressão de materiais na escola e a retirada desses por parte dos pais, assim como ocorreu no contexto de ERE no Rio Grande do Norte, segundo estudo de Dias (2020). Outras estratégias apontadas pelos sujeitos de pesquisa foram: aulas síncronas, assíncronas, contato pelo WhatsApp, vídeo chamada, material adaptado, Meet, Zoom, aplicativos como Canva, vídeos etc. Como podemos ver, cada professor se utilizou dos meios que achou mais fácil para o ERE.

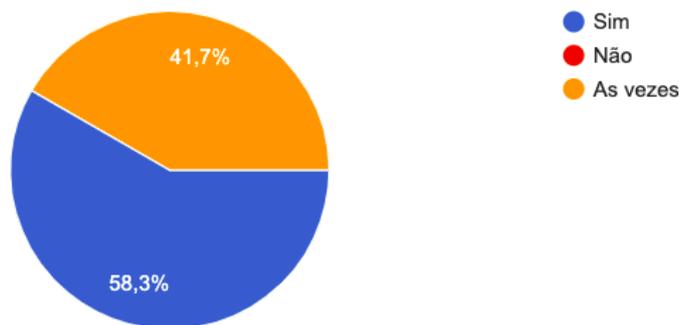
A segunda questão tratava do uso de aplicativos e recursos como vídeo, celular ou computador em sala de aula antes da pandemia. Conforme o gráfico abaixo, 58,3% dos professores de português participantes da pesquisa usavam algum tipo de aplicativo antes da pandemia em aula presencial. Em contrapartida, há aqueles que não usavam nenhum aplicativo em sala de aula antes da pandemia e que, em comparação aos que usavam, não ficam muito abaixo da metade. Podemos nos

indagar a causa de professores não utilizarem nenhum aplicativo para o desenvolvimento de seu conteúdo e isso é pertinente para a questão. Uma das hipóteses da causa da não utilização de aplicativos em sala de aula seria a falta de estrutura, escola sem internet boa, sem bons computadores ou pior ainda sem computadores. Concordamos que de uma maneira geral todos temos acesso a um televisor, celular, aparelho de som.

Apesar de todas as dificuldades, Ribeiro (2020) diz que é possível os professores de português mostrarem-se mais tecnológicos, como os professores de línguas estrangeiras.

Você usava algum aplicativo, vídeos, celular ou computador em sala de aula antes da pandemia?

12 respostas



Fonte: autora

Mais da metade dos professores encontraram dificuldades durante a pandemia na utilização dos aplicativos e outros foram com a prática aprendendo a usá-las. É interessante enfatizar que a grande maioria foi se desenvolvendo ao longo do período em que deveriam ensinar através do ERE, isso mostra a capacidade que temos de adaptar-nos ao novo e que podemos conseguir apesar de muitas vezes nos acharmos incapazes. Apenas 33,3% não tiveram problemas em sua adaptação às aulas do ERE. É de necessidade urgente que os professores se atualizem e se familiarizem com as ferramentas digitais que estão diariamente inseridas na vida educacional de seus alunos. O conhecimento tecnológico é de vital importância para esse período pandêmico e deverá ser após também, visando a utilização adequada e proveitosa das ferramentas digitais disponíveis como facilitadoras do ensino em sala de aula.

[...] cabe ao docente, em constante formação, atualizar-se perante sua prática pedagógica em sala de aula, aprender e utilizar estas ferramentas digitais, a fim de dar um significado pedagógico a essas ferramentas utilizadas por seus alunos quase que diariamente no âmbito educacional, independentemente do nível de formação em que atue (VASCONCELOS, FERRETE, LIMA, 2020, p.3)

Você teve alguma dificuldade para se adaptar aos aplicativos usados para o ensino remoto?

12 respostas



Fonte: autora

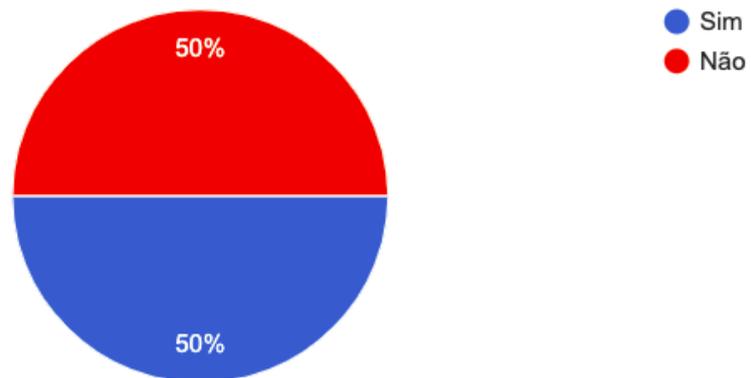
A análise realizada por Tamayo e Abbad (2004) indica que, em vários setores, as empresas disponibilizam capacitação aos funcionários para que se adaptem às exigências do mercado de trabalho contemporâneo. Mas, infelizmente, isso ocorre muito pouco na educação básica. Há, talvez, um interesse maior entre os municípios de oferecer capacitação aos professores do que por parte do estado.

Podemos ver com a pesquisa relatada por Lima e Santos (2020) que os professores de Afrânio-AL receberam capacitação para o uso das tecnologias disponíveis para o ERE através de oficinas ofertadas pela Secretaria Municipal de Educação, mas por motivos desconhecidos menos da metade dos docentes participaram das oficinas. Já no RS através dos nossos sujeitos de pesquisa podemos constatar que apenas 50% dizem ter recebido capacitação para o ERE, sendo que a outra metade não recebeu capacitação. É com base nesses dados que refletimos sobre os motivos que levam professores a não participarem desses cursos ofertados, já que a maioria dos docentes não tiveram essa oportunidade, seria o cansaço pela carga horária ampliada por causa da pandemia? Seria o desânimo? Seria o pouco caso? Seria um descaso? Seria falta de interesse em aprender? Infelizmente não sabemos. Lamentavelmente muitos professores precisam de cursos de atualização

tecnológica, na verdade todos precisam manterem-se atualizados, nunca cessamos de aprender, não importa a idade.

Você recebeu capacitação para realizar o ensino remoto?

12 respostas



Fonte: autora

Para saber o sentimento dos professores, questionei sobre a carga posta neles durante o ERE e 91,7% deles sentiram-se sobrecarregados, sendo que o restante se sentiu parcialmente sobrecarregado. Para elucidar nossa pesquisa (com os dados relatados por estudantes de enfermagem que questionaram os professores da educação básica também do RS), os principais sentimentos descritos pelos professores nessa situação do ERE são: aborrecimento frequente, ansiedade, irritação, frustração e tristeza. Relataram que sentiram cansaço e dores de cabeça, pescoço e lombar. Com a concentração dos trabalhos escolares em casa, os docentes se queixam da diminuição de seus horários para cuidados pessoais e do lar (ROBATTINI, MONTEIRO, SCORTEGAGNA, 2020).

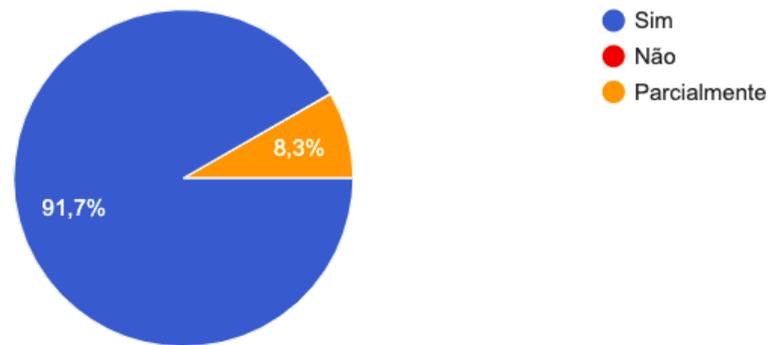
O bem-estar emocional afeta vários pontos de nossas vidas colaborando para o esgotamento mental e físico. Os reflexos dessa instabilidade emocional podem aparecer tanto na vida profissional quanto na vida pessoal. Ao sentirem-se sobrecarregados estão nutrindo sentimentos como desapontamentos, inseguranças, desânimo e tristeza.

Quando pensamos em um desafio desconhecido e cheio de armadilhas pode vir a nossa mente várias opções, mas nenhuma é tão real quanto essa pandemia. Estamos enfrentando uma sobrecarga que vai além de nossas forças em alguns

momentos.

Você se sentiu sobrecarregado durante o ensino remoto?

12 respostas



Fonte: autora

No caso de o ERE ser a melhor opção durante a pandemia, 66,7% concordam que sim entre os professores e 25% acham que não foi a melhor opção. Os professores questionaram a falta de infraestrutura e de internet de qualidade, acrescentando a tudo isso as dificuldades dos alunos de terem celular ou computador em bom estado de funcionamento. Outra dificuldade que os professores enfrentam é possuírem famílias com o mínimo de acesso aos meios digitais utilizados durante a pandemia para o ensino, sendo que algumas delas possuem somente celulares com apenas um aplicativo de mensagens. O ERE no momento de grande calamidade foi a melhor opção, o grande problema é que foi por tempo demasiadamente longo e isso afetou vários alunos de maneira negativa pela falta de condições para um ensino de qualidade. Condições essas que vão desde a merenda na escola até a falta de internet em casa.

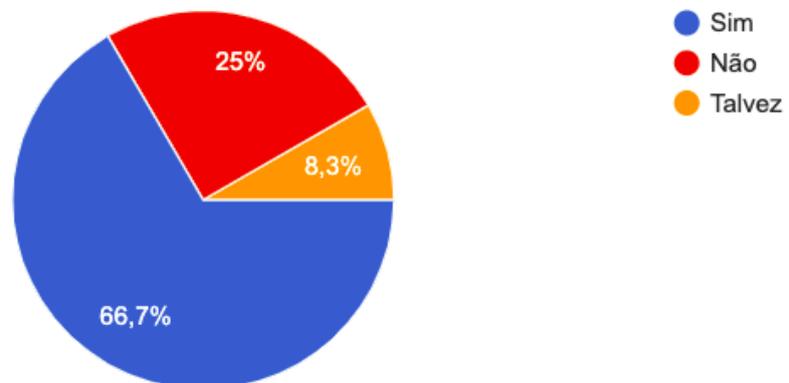
Por outro lado, a pedagoga Karolina Cordeiro observa que a internet facilitou muito esse novo sistema de ensino e que deve ser usada para benefício tanto do aluno quanto do professor, mas o grande problema é o apego de alguns professores ao método antigo de ensino sem as tecnologias digitais e com isso causam um retrocesso. Os professores que utilizavam tecnologias em sala de aula tiveram mais facilidade na adaptação com o ERE. Os professores que não usavam as tecnologias tiveram um grande desafio para adaptarem-se (CORDEIRO, 2020).

Ainda cabe dizer que o ERE foi a única opção dado os fatos ocorridos no início

de 2020, com o surgimento de algo totalmente novo que foi o caso da pandemia. Tanto professores quanto alunos não tinham outra opção a não ser o ERE que para uns foi mais fácil a adaptação por já estarem familiarizados com as TDICs, com aplicativos, com plataformas etc. Os professores que somaram 25% acham que o ERE não foi a melhor opção e não estão errados, pois cada um tem a sua visão e, para a educação, podemos concordar que realmente não foi a melhor opção, mas para a preservação da saúde e da vida foi a melhor saída no momento.

O ensino remoto durante esta pandemia foi a melhor opção?

12 respostas



Fonte: autora.

Ao pensarmos sobre o período após a pandemia, isto é, a pós-pandemia, o que queremos para o futuro como professores? Uma das primeiras coisas a se pensar é a capacitação tecnológica para os professores de português, ou seja, os professores precisam ter em suas cargas horárias oportunidades de cursos para aprender a usar as tecnologias, para aprender a produzir material didático online, precisa aprender a usar os recursos digitais disponíveis na web, sendo que esses cursos são um dos aspectos mais importantes para serem realizados.

O segundo aspecto a ser pensado é sobre a questão da distribuição tecnológica para combater a desigualdade social tecnológica, para isso, os professores precisam ter acesso a tecnologia de ponta e ter infraestrutura nas escolas. Com base em autores como Ribeiro (2020) e Costa (2021), mostra-se urgente que a escola conte com por exemplo, bom sinal de internet, bons computadores e bons notebooks.

Um terceiro aspecto seria a colaboração entre os professores (COSTA; FIALHO, 2017). Com a pandemia, mostrou-se possível e necessário mais colaboração

online entre docentes. Os professores podem e devem se ajudar mais, trabalhando em rede, e esse trabalho poderia dar-se a partir da disponibilização de materiais educacionais de forma aberta e gratuita. Os materiais que os professores produzem podem ficar disponíveis na Web para que outros docentes tenham acesso a eles, fazendo com que o ensino de línguas online fique ainda mais colaborativo e em rede (COSTA; FIALHO, 2017).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema abordado neste TCC traz um olhar sobre as dificuldades dos professores enfrentadas no decorrer deste tempo trabalhoso que se instalou na educação, afetando o modo como o ensino secular chega até o aluno, modificando tanto o ensino quanto a vida de cada um. Com esse tema, espera-se que o leitor reflita sobre as dificuldades e possibilidades do ERE. Em tempos trabalhosos, nosso caminho torna-se mais penoso, porém, ampliamos nossa visão para coisas que antes fingimos não ver, como a desigualdade social e a precarização das escolas. Na educação, o caminho tornou-se muito trabalhoso e abriu mais nossos olhares para a falta de estrutura e apoio à nossa classe docente, que sempre lutou por melhores condições profissionais. Mas as famílias e os estudantes, em geral, pouco ou nada sabiam sobre os muitos obstáculos que os docentes enfrentavam.

Partindo desse cenário, podemos ver hoje o quanto a educação é frágil, sucateada, sem estrutura adequada para dar conta das demandas pedagógicas atuais. Além disso, enquanto classe docente, estamos sem a devida capacitação pedagógica para uso das tecnologias e sem valorização por parte governamental, que dá somente o mínimo para que seja feita uma Educação Básica bem (e cada vez mais) “básica”.

Os professores buscam por seus próprios meios capacitarem-se para os desafios que vão surgindo, neste caso, a pandemia. Não vemos investimento por parte do poder público em capacitação para os professores, como, por exemplo, na questão tecnológica.

Verificou-se também que os professores de Português do RS sentiram-se sobrecarregados e tiveram de se adaptar ao de ERE de forma urgente, com dúvidas, angústias e sem as devidas orientações.

Destaca-se que o fardo ficou mais pesado durante a pandemia, pois os professores foram obrigados a envolverem-se por muito mais tempo com o ERE, deixando quase nada de tempo para sua própria vida pessoal ou familiar. Acrescenta-se a isso o isolamento social, que tirou, de modo geral, qualquer lazer e alternativa de descanso da vida desses profissionais educacionais.

REFERÊNCIAS

- ALDA, L. S. LEFFA, V. J. **Entre a carência e a profusão: aprendizagem de línguas mediada por telefone celular**. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul–v.13, n.26, jul./dez.2014.
Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/2556>. Acesso em: 10 set. 2021.
- BEHAR, P. A. **O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância**, 6 de Julho, 2020.
- CIEB, Centro de Inovação para a Educação Brasileira, notas técnicas#17; Estratégias de aprendizagem remota (EAR). **Características e diferenciação da educação a distância (EAD)**; São Paulo: CIEB, 2020. Disponível em: https://cieb.net.br/wp-content/uploads/2020/05/CIEB_NotaTecnica17_MAIO2020_FINAL_web.pdf. Acesso em: 11 set. 2021.
- CONJUNTURA, Boletim de (BOCA) ano II, vol. 4, Boa Vista, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/C%C3%A1ssia/Downloads/6570-24996-1-PB.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2021.
- CORDEIRO, K. M. A. **O impacto da pandemia na educação: a utilização da tecnologia como ferramenta de ensino**. 2020. Disponível em: <http://repositorio.idaam.edu.br/jspui/bitstream/prefix/1157/1/o%20impacto%20da%20pandemia%20na%20educa%C3%87%C3%83o%20a%20utiliza%C3%87%C3%83o%20da%20tecnologia%20como%20ferramenta%20de%20ensino.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- COSTA, A. R. **Contribuições para uma cartografia complexa da ontoepistemogênese: autonarrativas e formação docente na Educação a Distância**. 2021. 189f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, 2021.
- COSTA, A. R. Um olhar freireano sobre a educação na pandemia: inquietações de educadores e educadoras. **Revista Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas**, Ponta Grossa, v. 29, p. 1-7, 2021.
- COSTA, A. R.; BEVILÁQUA, A. F.; KIELING, H. S.; FIALHO, V. R. **Paulo Freire hoje na Cibercultura**. Porto Alegre: Editora CirKula, 2020. 100p.
- COSTA, A. R.; FIALHO, V. R. Ontem, hoje e amanhã: sobre a web e as ferramentas colaborativas emergentes para o professor de língua estrangeira. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 11, n. 1, p. 147-173, 2017.
- COSTA, A. R.; PICCININ, F. Q. **Memoriais autobiográficos no viés da Complexidade: um conceito para a formação docente**. Revista Gatilho, Juiz de Fora, v. 18, p. 231-252, 2020.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC. 2002. Disponível: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteúdo20121/1SF/Sandra/apostilaMetodologi>

a.pdf. Acesso em: 04 de jun. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf. Acesso em: 19 jul. 2021.

GRANDISOLI, E.; JACOBI, P. R.; MARCHINI, S. **Pesquisa Educação, Docência e a COVID-19**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, Brasil 2020. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/pesquisa/projetos-institucionais/usp-cidades-globais/pesquisa-educacao-docencia-e-a-covid-19>. Acesso em: 30 jul. 2021.

LIMA, L. K. O. S.; SANTOS, E. M. **As tecnologias digitais no contexto da pandemia: a capacitação de professores da educação básica**. VII Congresso Nacional de Educação. Centro Cultural de Exposições Ruth Cardoso. Maceió-AL. 2020.

MAIA, B. R.; DIAS, P. C. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto do COVID-19. **Estudos de psicologia**. Campinas. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/k9KTBz398jqfvDLby3QjTHJ/?lang=pt>. Acesso em: 23 ago. 2021

NOVAES, A.; PAGAIME, A. A.; PIMENTA, C.; NUNES, M.; GAVA, T. Pesquisa: **Educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica**. Fundação Carlos Chagas, Brasil 2020. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemia-informe-n-1>. Acesso em: 30 jul. 2021.

PENINSULA, Instituto, **Sentimentos e percepções dos professores nos diferentes estágios do Coronavírus**, Brasil. 2020.

PIMENTEL, M.; CARVALHO, F. S. P. Aprendizagem online é em rede, colaborativa: para o aluno não ficar estudando sozinho a distância. **SBC Horizontes**. 2020. Disponível em: <http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/06/02/aprendizagem-em-rede>>. Acesso em: 04 jun. 2021.

RIBEIRO, A. E. **Educação e tecnologias digitais: ciclos da precariedade diante da pandemia**. Conferência online. [S.l., s.n], 2020. 1 vídeo (1h 33min 35s). Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-lftZT7oFI&t=1115s>. Acesso em: 11 set. 2021.

ROBATTINI, J. S., MONTEIRO, A. S., SCORTEGAGNA, H. M. **Estresse e sobrecarga dos professores do ensino básico em tempos de pandemia**. Projeto de Iniciação Científica, subprojeto do Projeto vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano da Universidade de Passo Fundo. 2020.

ROCHA, G. G. S.; OLIVEIRA, S. D. Ensino na rede pública em tempos de pandemia: duas experiências docentes. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 31, 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/31/ensino-na-rede>

publica-em-tempos-de-pandemia-duas-experiencias-docentes. Acesso em: 14 jun. 2021.

SANTOS, E. EAD, Palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos para hoje. Mas qual é mesmo a diferença? **Revista Docência e Cibercultura**, 2020.

SEIXAS, R. **O dia em que a Terra parou**. São Paulo: Warner Music Brasil, 1977.

SILVA, J. C. T. **Tecnologia: conceitos e dimensões**, XXII Encontro Nacional de Engenharia de Produção Curitiba – PR, 23 a 25 de outubro. USP. 2002.

TAMAYO, N.; ABBAD, G. S. **Autoconhecimento profissional e suporte à transferência e impacto do treinamento no trabalho**. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/HfXNhzXM6MgT6FrRZ4zMvsN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 set. 2021.

VASCONCELOS, A. D.; FERRETE, A. A. S. S.; LIMA, I. P. Formação docente para o uso dos aplicativos do google for education em sala de aula. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, vol. 15, núm. 4, 2020, p. 1877-1887.